



CONEXÃO UNIFAMETRO 2022
XVIII SEMANA ACADÊMICA
ISSN: 2357-8645

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO, RAÇA E O EMPODERAMENTO FEMININO NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: UM OLHAR DA PSICOLOGIA SOCIAL

Narlla Andrade de Sousa

Discente- Centro Universitário Fametro - Unifametro
narllasousa@gmail.com

Vitória Régia Albuquerque Frota

Discente- Centro Universitário Fametro - Unifametro
vitoriafrota91@gmail.com

Lorena Brito da Silva

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro
lorena.silva@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Movimentos Sociais, Conflitos e Direitos Humanos.

Área de Conhecimento: Psicologia.

Encontro Científico: X Encontro de Iniciação à Pesquisa.

Desde os anos 1980 iniciou-se a inserção na Academia do debate das questões de gênero, sexualidade, raça e etnia – movimento esse que até hoje é atravessado por desafios epistemológicos e metodológico, visto que há inúmeras disputas teóricas e políticas entre os discursos hegemônicos, baseadas em explicações biologizantes, e os discursos psicossociais, mais alinhado com os movimentos sociais e com explicações culturais. Desde do clássico “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir (1980) até os estudos decoloniais latino-americanos e dos feminismos negros, vemos a dificuldade que é superar as imagens que associam mulheres a maternidade, aos afazeres domésticos, aos serviços de cuidado, à submissão em relações amorosas. Contudo, quando analisamos as experimentações que acontecem ancestralmente nas religiões e sociedades de matriz africana, podemos reconhecer outras referências: a visão predominante e essencialista do biológico não é algo predominante, havendo, assim, possibilidades maiores de exposições e participação, desde as funções assumidas na comunidade e na mística religiosa, até, inclusive, quanto aos aspectos relacionados à sexualidade. Historicamente, as mulheres, principalmente as mulheres negras, tiveram um processo de construção de representações e valores fundamentado pela violência, sendo esse público refém de uma existência excluída. Com isso, entende-se que os discursos de ódio, as crenças exclusivas e as representações desmoralizadoras, corroboram de forma negativa na

construção de identidade e autoestima femininas (SAFFIOTI, 2013). De acordo com Afonso (2021), a psicologia social no campo da amplitude subjetiva das interações de opressão e exploração, observa as relações de desigualdades sociais como formas de impedimento político e exclusão do gênero feminino, uma vez que as mulheres ainda sofrem com os aspectos históricos de subordinação, tendo suas falas interrompidas e caladas quando tentam se posicionar. Este trabalho tem como objetivo analisar como gênero e raça surgem no discurso sobre as mulheres nas religiões de matriz africana, problematizando a partir da psicologia social, contribuições desse campo de saber-poder para pensarmos o empoderamento feminino. Usou-se como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica. Foi utilizado como literatura principal, artigos científicos, livros e o filme documentário, “A Cidade das Mulheres” de Lázaro Faria, baseado no livro de mesmo nome da Antropóloga, Ruth Landes. também para obtenção de dados foram utilizados os artigos com as temáticas de gênero, empoderamento feminino, religiões de matriz africana, psicologia e interseccionalidade. Foram consultados 11 artigos datados de 2005 a 2022 e 4 livros. De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é feita a partir de materiais que já existem através de livros e artigos científicos. As publicações que foram submetidas consistiam em leituras realizadas com o cuidado e apropriação do que é estudado para não ocorrer repetições. Segundo Amaral (2007), é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, pois influenciará todas as etapas de uma pesquisa. Carla Akotirene (2019) *apud* Kimberlé Crenshaw (2017), discorre sobre a interseccionalidade como um conflito de avenidas de identidade que possibilitam o racismo e o sexismo das mulheres negras. O atravessamento que se dá devido a estas discussões, mostraram o quão forte é a presença da força feminina nas religiões de matriz africana. De acordo com Sueli Carneiro (2015) em seu livro “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”, “*nas religiões de matrizes africanas as deusas atravessam esses estreitos limites instituídos pelo feminino*”. Na história dos orixás, é possível observar melhor essa descentralização da heteronormatividade quando analisamos as relações entre um orixá e outro. Por exemplo, de acordo com uma das histórias, *Oyá*, orixá dos fenômenos da natureza, teve relações com *Osun*, orixá rainha das águas doces, apontando o envolvimento de duas figuras femininas. As figuras femininas quando vistas da perspectiva das religiões de matriz africana, são caracterizadas com representações que fogem das definições cristãs, onde a mulher é submissa e passiva, elas são representadas como personagens centrais e de importantes funções dentro do terreiro, representando independência, criação, harmonia entre deusas, deuses e humanos (BASTOS, 2011). Quando observamos que comumente as mulheres são reduzidas à uma imagem sexual de satisfação do desejo masculino, sendo esses

corpos expostos a abusos, vemos figuras como a pomba-gira romper isso, através dos seus comportamentos sensuais e devido à sua independência. Contudo, pode-se observar esse atravessamento quando observado o desprezo direcionado à Pomba-Gira, entidade considerada a mensageira entre os orixás e a terra, na qual representa tudo aquilo que marginalizado pela sociedade popular quando se trata da imagem feminina (BASTOS, 2011). Através da discussão, é possível perceber que o arcabouço teórico-cultural é enriquecedor e que, durante a realização da pesquisa, é perceptível a complexidade do tema e a cautela de não misturar ciência com religião. Portanto, através da lente das religiões de matriz africanas e da psicologia social, foi possível ver a importância de debater sobre gênero e como este é visto pela sociedade.

Palavras-chave: Psicologia Social; Violência de gênero; Empoderamento Feminino; Religiões de Matriz Africana.

Referências:

- AFONSO, M. L. Respostas de movimentos sociais feministas à pandemia de COVID-19: notas prévias de pesquisa em psicologia social. *Movimentação*, v. 8, n. 14, p. 209–215, 2 ago. 2021.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- AMARAL, João JF. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. 2007, v. 137, p. 8081, 2012.
- BASTOS, I. S. et al. *Mulheres Iabas: liderança, sexualidade e transgressão no candomblé*. João Pessoa - UFPB - 2011.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEME, J. B. *Interseccionalidade de Raça/Etnia, Classe e Gênero: Contribuições para a Descolonização da Psicologia*. 2020.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes – mitos e realidade*. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2013.
- DE BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.